

DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL INFANTIL: FATORES QUE INTERFEREM NA VIDA DA CRIANÇA

Ana Raquel da Silva¹
Joana Darc Rodrigues Melo²
Poliana Pereira Dutra³
Kênia Cristina Borges Dias⁴

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo conhecer e compreender questões implícitas do desenvolvimento infantil, para que não se exija determinados comportamentos incompatíveis com a fase em que a criança se encontra. Para compreendermos determinados comportamentos ou desempenho da criança é necessário conhecermos as fases e os fatores que influenciam as distorções crescimento e desenvolvimento, maturação e aprendizagem, bem como, os desenvolvimentos motores, perceptivos e cognitivos. A metodologia utilizada para realização do trabalho foi a pesquisa bibliográfica, com análise e debate com os seguintes autores: Tavares (2010), Piaget (1971), Fernandez (1991), Chamat (2008), Bock, et. al. (2006), Santos (2002), dentre outros. Os quais abordam aspectos importantes que embasam a discussão do tema. Os fatores que influenciam no desenvolvimento da criança são os mais diversos. Tendo como próprios: a inteligência, a motivação, a curiosidade e os fatores sociais, históricos, culturais, afetivos, emocionais que fazem parte do seu meio.

Palavras-chave: Desenvolvimento psicossocial da criança. Família. Afetividade.

ABSTRACT: This study aims to know and understand implicit issues of child development, so that certain behaviors incompatible with the stage in which the child is found are not required. To understand certain behaviors or performance of the child it is necessary to know the phases and factors that influence the distortions of growth and development, maturation and learning, as well as motor, perceptual and cognitive developments. The methodology used to perform the work was the bibliographical research, with analysis and debate with the following authors: Tavares (2010), Piaget (1971), Fernandez (1991), Chamat (2008), Bock, et. al. (2006), Santos (2002), among others. They discuss important aspects that support the discussion of the theme. The factors that influence the development of the child are the most diverse. Having as their own: intelligence, motivation, curiosity and social, historical, cultural, affective, emotional factors that are part of their environment.

Keywords: Child psychosocial development. Family. Affectivity.

¹ Especialista em Psicopedagogia e Graduada em Pedagogia. anaraqueldasilva@hotmail.com

² Especialista em Psicopedagogia e Graduada em Pedagogia. Joanadarcmeo87@gmail.com

³ Especialista em Psicopedagogia e Graduada em Pedagogia. Dutrajun2017@gmail.com

⁴ Mestra em Letras - Literatura Crítica e Literária e Graduada em Letras. prof.keniacristina@hotmail.com

INTRODUÇÃO

É de suma importância o estudo abrangente e aprofundado sobre os fatores que influenciam no desenvolvimento cognitivo e sócio-cultural da criança, tendo em vista, as dificuldades enfrentadas por elas na principal fase de suas vidas, quando está sendo construída sua identidade, seus valores, tendo como responsáveis por essa construção a família e o meio.

O desenvolvimento psicossocial da criança se dá desde o seu nascimento. Sua personalidade é desenvolvida baseada no meio em que vive, tendo esse, muita influência em seu caráter, desenvoltura e a forma de socializar. São variados os fatores que influenciam no desenvolvimento da criança, os quais são responsáveis na construção do seu caráter. Ela possui fatores próprios que são a inteligência, a motivação, a curiosidade e fatores sociais, históricos, culturais, afetivos, emocionais que compõem o meio em que vive.

Tendo em vista todos esses aspectos, percebe-se a necessidade de que educadores, profissionais competentes, família, responsáveis, quaisquer que sejam, se unam e da melhor forma ajudem essas crianças a superarem suas limitações, proporcionando a elas viverem em uma sociedade, harmoniosamente.

Afinal, escola e a família, juntas, são responsáveis pela formação do indivíduo. Não se pode valorizar a escola em oposição à educação familiar e vice-versa. Nesta mesma linha, a escola também não deve ser vista isolada da comunidade. Com efeito, a criança quando entra na escola, possui já uma bagagem cultural transmitida e aprendida no seio da comunidade em harmonia com a família e o grupo social (PIMENTA, 1999). Portanto, a importância da compreensão do desenvolvimento psicossocial infantil e os fatores que interferem no desenvolvimento da criança.

1. FATORES QUE INFLUENCIAM O DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL DA CRIANÇA.

É durante a fase do desenvolvimento psicossocial, que a conduta de pais e professores se torna relevante, para ajudar a criança na redução dos seus sentimentos de ameaça, de medo e de angústia. Nessa circunstância, é absolutamente necessário que a condução do processo de integração no ambiente escolar seja feita com cuidado, tendo em vista a individualidade e a abrangência do problema, às vezes instalado.

Esse processo vai proporcionar à criança uma aprendizagem indispensável no convívio com os outros. A escola oferecerá à criança a oportunidade de viver essa experiência e, assim, de preparar-se para mais uma etapa do seu desenvolvimento. A criança ao se desenvolver passa dos estágios mais simples aos mais complexos, chegando à idade adulta. As teorias na área afirmam que o desenvolvimento é ordenado para uma complexidade crescente. “O desenvolvimento é definido como sequenciado e vai do pré-social ao social, ou do social ao individual, e do pré-lógico ao lógico. O vir a ser está ordenado, hierarquizado e previsto” (WALLON, 1975; PIAGET, 1971; VIGOTSKY, 1988).

Os diferentes estágios encontrados nessa transição, que vai da dependência infantil à aquisição da autonomia, as influências dos estilos parentais no modo como as crianças e adolescentes e jovens se comportam, as maneiras pelas quais os professores impõem limites, as diferenças de socialização de acordo com as classes sociais, as instituições criadas para receberem a criança, como as creches, os jardins de infância e a escola e as formas de lazer, são investigados e analisados (FERNÁNDEZ, 1991).

Os fatores que influenciam no desenvolvimento psicossocial da criança são os mais diversos, tendo em vista que a pessoa é o meio em que vive.

Crianças advindas de famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social tendem a apresentar, na escola, comportamento semelhante ao que vivenciam em casa. Segundo uma pesquisa realizada por Ferreira e Marturano (2002), esclarece que:

Crianças com problemas de comportamento sofrem mais agressão física por parte dos pais, seu relacionamento com os pais é descrito mais frequentemente como distante ou envolvendo conflitos, e elas recebem mais suspensão na escola. As relações com os companheiros também estão prejudicadas. Este estudo vai ao encontro das dificuldades encontradas nas escolas localizadas em bairros onde vivem famílias em condição de vulnerabilidade social (FERREIRA; MARTURANO, 2002, p. 40).

Exposta a questão da compreensão de desenvolvimento psicossocial, para uma compreensão integral desse processo, é necessário ver os fatores que estão na origem desse desenvolvimento. Os fatores influenciadores no desenvolvimento psicossocial de um ser Humano são do tipo biológico, sociopsicológico e cultural.

Para Tavares (2010), a hereditariedade abrange todas as influências biológico-genéticas transmitidas dos pais às células que se fundem para formar o novo ser. Ainda na mesma linha de pensamento esta autora afirma que “a hereditariedade consiste na herança individual que cada criança recebe de seus pais ao ser concebida” (TAVARES, 2010, p. 15).

Para a autora, a maturação neuropsicológica é considerada outro fator importante que influi no desenvolvimento psicossocial. Ela se refere às mudanças determinadas internamente, tais como o tamanho do corpo, desenvolvimento dos órgãos, desenvolvimento de habilidade de arrastar-se, andar, correr, agarrar. Atribui essa responsabilidade aos adultos, tendo em conta, que o desenvolvimento ocorre devido à forma como a criança é tratada pelos adultos. Destaca o próprio papel da criança, no sentido em que é sua participação nas atividades relevantes que conceberá o aparecimento de novos conhecimentos. Enquanto esses dois fatores são do tipo biológico o meio sociopsicológico é o conjunto de influências e estimulações que alteram o padrão de comportamento do indivíduo tendo em conta o grupo social em que a criança vive influenciando constantemente o seu comportamento (TAVARES, 2010).

Relativamente aos fatores acima mencionados, Piaget (1971) nos diz que têm uma grande importância no desenvolvimento da criança, cada um à sua maneira com a sua função, mas frisa-nos que nenhum deles pode atuar de forma isolada, visto que, cada um depende do outro enquanto fatores do processo de desenvolvimento, portanto todos entre si para poder atuar com eficiência e eficácia.

Em relação aos fatores sociais, Tavares (2010) assevera que a família desempenha um papel determinante nos primeiros anos de vida da criança. Todavia, o seu papel é insubstituível, neste sentido os valores e os conhecimentos adquiridos no núcleo familiar ajudam a criança a saber atuar e interiorizar os comportamentos cívicos de modo a preparar-se para viver e participar na sociedade a que pertence. Ela é considerada como primeiro contexto de socialização, o contexto em que a criança interage e participa de forma quotidiana, onde recebem as primeiras influências para avançar na construção de seu desenvolvimento social e pessoal. Ainda na perspectiva da mesma autora “a partir do nascimento, a criança é inserida num contexto familiar que torna responsável pelos cuidados físicos, pelo desenvolvimento psicológico, emocional, moral e cultural desta criança na sociedade” (TAVARES, 2010, p. 16).

É a partir da família que a criança estabelece a ligação emocional próxima, intensa e duradoura sendo crucial para a socialização. Para melhor compreendermos o desenvolvimento, devemos estudar a criança no contexto múltiplo, ou seja, devemos ter em conta os vários ambientes ou sistemas ecológicos nos quais ela se desenvolve. O desenvolvimento da criança não pode ser realizado unicamente pelo grupo familiar, pela escola, pelo grupo social, pela comunidade ou pela cultura individualmente, mais sim sendo

um processo, está constantemente influenciada por um conjunto de fatores (TAVARES, 2010).

Na perspectiva de Pimenta (1999), as famílias constituem o elemento fundamental no desenvolvimento de crianças saudáveis, competentes e responsáveis, afinal, elas só conseguem exercer melhor as suas funções se tiverem o apoio forte e responsável da comunidade, pois esta fornece os suplementos formais e informais aos recursos da família. No entender de Pimenta (1999), a escola não deve ignorar a comunidade específica que a rodeia, caso contrário, será como um corpo estranho no seio da mesma e não cumpre o seu papel de educadora, possuindo o seu estatuto próprio e regendo-se por determinadas normas sociais poderá que, contrariar os valores que vigoram na própria comunidade onde se instalou.

1.1. A construção vincular e o ambiente familiar

A construção vincular se dá na relação entre os indivíduos, no ambiente social, o qual está inserido, estabelecendo laços de confiança, proteção e compromisso, sabendo-se que o primeiro ambiente social é a família e logo em seguida a escola. Segundo Moreno & Cubero (1995, p. 191), “a família é um contexto de socialização especialmente relevante para a criança, já que durante muitos anos é o único e, ou principal no qual cresce e, além disso, age como chave ou filtro que seleciona a abertura da criança a outros contextos”.

O desenvolvimento do ser humano é muito complexo. Gerar um ser sabendo que, a partir daí ele já está influenciado e sofrendo influências de pessoas, de situações e de ambientes, é o mínimo que se pode saber para entendê-lo melhor. Sabendo da importância dos fatores genéticos e hereditários, é preciso considerar que a criança começa a desenvolver-se socialmente dentro de um ambiente muito especial chamado família. E neste local, com o convívio dos pais e irmãos, ela começa a formar sua identidade e personalidade de acordo com as experiências vividas. Logo em seguida, a criança alcança um espaço maior, a escola, que também influencia no seu desenvolvimento intelectual, social, psicológico e emocional.

Na obra *Teoria do Vínculo*, Rivière (1986, p. 24) conceitua o vínculo como “uma maneira particular pela qual cada indivíduo se relaciona com outro e outros, criando uma estrutura a cada caso e a cada momento, que chamamos vínculo”. Para Rivière, o vínculo tem grande significado para a aprendizagem, pois é entendido como o resultado da interação do homem com o mundo.

É sabido que a família é a principal fonte mantenedora da criança. É nela que a criança encontra as pessoas e convive com elas. Estas, de certa forma, garantem sua

sobrevivência, oferecendo-lhe as condições básicas para viver, como alimentação, vestuário e abrigo. Num segundo plano, são também essas pessoas que influenciarão no desenvolvimento da criança como um todo, proporcionando a ela experiências que desencadearão situações ou fatos que envolvam sentimentos de ordem emocional e psicológica.

Assim, Moreno & Cubero (1995) afirmam que:

a família tem o papel central no desenvolvimento das pessoas, não somente porque garantem sua sobrevivência física, mas também porque é dentro dela que se realizam as aprendizagens básicas que serão necessárias para o desenvolvimento autônomo dentro da sociedade (aprendizagem do sistema de valores, da linguagem, do controle da impulsividade, entre outros), (MORENO & CUBERO, 1995, p. 190).

Algumas situações e experiências do papel do pai e da mãe proporcionam efeitos diretos sobre a criança. É muito importante e necessário também levar em consideração os efeitos indiretos que influenciam as pessoas que participam dessa relação familiar. De acordo com Moreno & Cubero (1995), os diferentes elementos que compõem a família, mantêm entre si relacionamentos de diferentes circunstâncias: mãe e filho, pai e filho, mãe e filha, pai e filha, marido e mulher, irmão e irmã. Deste modo, cada pessoa assume postura e função diferentes sobre vários aspectos dentro de uma mesma estrutura familiar.

Cada membro familiar difere em comportamento dos demais membros pela posição que ocupa dentro da unidade familiar. Os diferentes componentes da família têm com o outro uma relação especial, porém diferente, cada um destaca-se pelo papel que assume, envolvidos emocionalmente e adquirindo um conhecimento da posição do pai, da mãe, do menino, da menina e de todo um contexto de socialização.

Esta diversidade de relações engloba experiências recíprocas com influências indiretas de dimensões de grande importância para cada integrante do meio familiar.

De acordo com Moreno & Cubero (1995), os pais interferem no desenvolvimento da criança pois, a criança os têm como um exemplo a ser seguido, pelas coisas que fazem e deixam de fazer, pelas reações e estilos de vida que levam. Eles têm um papel fundamental também no desenvolvimento cognitivo da criança, pois através de interações comunicativas entre eles, é que desencadeiam todo o processo de estimulação. Sigel *apud* Moreno & Cubero, (1995), sustenta que:

Os pais que propiciam um maior desenvolvimento de atividades representacionais com os seus filhos são aqueles que, com suas verbalizações, obrigam a criança a antecipar eventos futuros, a reconstruir acontecimentos passados, a empregar a imaginação quando agem sobre os objetos, pessoas ou eventos, e a efetuar influências e buscar alternativas na solução de problemas (SIGEL *apud*. MORENO & CUBERO, 1995, p.196).

Os mecanismos de socialização têm importância especial na família. As primeiras recompensas e punições da criança, a primeira imagem de si mesma e seus primeiros modelos de comportamento são experimentados no ambiente familiar e todos ajudam a formar uma base de personalidade que estará sujeita a influências subsequentes.

1.2. Interação escolar

Em conformidade com Moreno & Cubero (1995), o papel da escola não é somente transmitir o saber científico e organizado culturalmente, ela influi em todos os aspectos relativos à socialização e à individualização da criança. Assim têm participação relevante no desenvolvimento das relações afetivas na iniciação da vida social, na aquisição de destrezas comunicativas, no desenvolvimento de sua própria identidade como pessoas autônomas, com responsabilidades, conscientes de seus direitos e deveres e opinião própria sobre fatos e acontecimentos.

Para Mutschele (1994), quando a criança chega à escola pela primeira vez, ela já possui experiências vividas com a família e uma história que lhe permite ter uma determinada visão de si mesma, por isso precisa ser muito bem recebida, porque nessa ocasião dá-se um rompimento de sua vida familiar para iniciar-se uma nova experiência. Ampliando as relações com os adultos e com os iguais, a criança compartilhará de experiências significantes, e nesta interação social ela vai construindo seu autoconceito, onde todas as pessoas que convivem, terão grande influência na manutenção ou na transformação do mesmo.

Um fator determinante para o autoconceito da criança é a conduta do professor em relação a ela, pois os sentimentos que o aluno tem sobre si mesmo, muitas vezes, dependem do tipo de relacionamento entre ambos. Como afirma Saltini (1997, p. 89) “essa inter-relação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento”. O professor através de suas atividades valoriza o lado positivo do aluno, fazendo com que ele aumente a confiança em si mesmo.

Saltini (1997) também se refere à questão da serenidade por parte do professor e da criança, explicando que a serenidade e a paciência do educador, mesmo em situações difíceis devem prevalecer, pois faz parte da paz que a criança necessita.

A observação dos sentimentos de ansiedade, raiva, oscilação de humor, vai assegurar à criança ser o continente de seus próprios conflitos e raivas, sem explodir, elaborando-os sozinha ou em conjunto com o professor. “Os aspectos de *amor e sustentação*, ainda que só sejam visíveis quando se colocam como obstáculo, são as condições necessárias para que qualquer aprendizagem seja possível” (FERNÁNDEZ, 2001, p. 41).

Por isso temos insistido na importância de se criar um ambiente de aprendizagem permeado pela afetividade.

1.3. A afetividade e o desenvolvimento infantil

A afetividade ainda tem de galgar seu espaço em algumas teorias, pois a razão tem sido privilegiada por homens e pela ciência, porém a pedagogia tradicional perpassa por obstáculos ao tentar unir aspectos intelectuais, volitivos e afetivos. Entretanto, essa compartimentalização do afeto e da razão, se materializa no desafio de implantar projetos interdisciplinares nas escolas. Projetos voltados para maior flexibilidade e extravasamento das emoções na área das exatas. Pensamos que tanto o momento do recreio quanto a circunstância das aulas de arte, podem se constituírem em ocasiões ímpares por possivelmente permitir, mesmo que de modo imparcial, a influência de emoções e sentimentos. Com este raciocínio, defendemos a ideia de quando a criança ao expressar tais sentimentos é compreendida, há a ocorrência de um melhor aprendizado, pois a vida afetiva envolve vários estágios ligados ao (des)prazer.

Para Bock, et. al. (2006), é importante atentarmos para o fato de que os afetos também se manifestam fora do indivíduo, por estímulos externos: meio social e físico. Mas a constituição da vida afetiva se concretiza em dois afetos primordiais, o amor e o ódio. Tais afetos estão presentes na vida psíquica, e sua integração se fortalece quando associados à fantasia, ao pensamento e ao sonho, na particularidade de cada ser. A partir da pesquisa, observamos, em consonância com Bock, et. al. (2006) que:

Os afetos também podem ser enigmáticos para aqueles que os supõem em nós a partir de alguma expressão, isso porque, muitas vezes, nossa reação não condiz com o que sentimos (com que o outro esperava), ou seja, nem sempre o comportamento está em conformidade com os nossos afetos, os quais, não queremos (ou não podemos) demonstrar (BOCK, et. al. 2006, p. 198).

Parece-nos que a força da ação é constituída através da afetividade, ou seja, é a vontade e o interesse que funcionam como impulsionadores da conduta, e as estruturas que a criança dispõe para agir correspondem às funções cognitivas. Desse entrelace, podemos ressaltar que o afeto é fundamental na construção da inteligência, pois as validações das ações se constroem por meio da afetividade que se desdobram em sentimentos, emoções, desejos, vontades e valores.

Para Paín (1985), a afetividade induz o indivíduo a maior expressividade, comunicação, numa relação harmônica sem subterfúgios. “Do contrário podemos observar na criança rosto apático, boca fechada, sobrancelhas cerradas e outros que indicam o estado sentimental da mesma”. Referindo-se aos emaranhados de sentimentos, a autora afirma que:

Desta forma, a não-aprendizagem não é o contrário de aprender, já que, como sintoma, está cumprindo uma função positiva tão integrativa como a desta última, mas com outra disposição dos fatores que intervêm. Por exemplo, a maioria das crianças conserva o carinho dos pais gratificando-os através de sua aprendizagem, mas há casos nos quais a única maneira de contar com tal carinho é precisamente não aprender, (PAÍN, 1985, p. 28).

Consideramos que o professor atento a certos sinais, tem influência decisiva na superação dos mesmos, sendo possível a (re)construção de imagens e significados. Uma rede de expectativas harmoniosa e recíproca entre aluno e professor, é de suma importância à família que tem de consolidar as relações interpessoais, a rede de convívio, com fios de amor, esperança, confiança. Se a rede romper alguns fios, o vínculo e a aprendizagem serão afetados.

A partir dessa afirmação, concordamos com Chamat (2008) quando pontua que, “muitas vezes, o aluno não consegue aprender a leitura, a escrita e os cálculos matemáticos não por falta de requisitos intelectuais, mas sim por bloqueios e inibições no pensar, gerados por problemáticas afetivas e/ou emocionais”, (CHAMAT, 2008, p. 30).

A interação com a afetividade se dá no seio familiar e se estende à escola. De acordo com Chamat (2008), um ambiente afetivo saudável traz para a criança condição de segurança física e emocional, propiciando que ela explore em abundância o ambiente e o aprender. Sem temer, entretanto, que ora outra, seu alicerce sofra abalos. Esta realidade é evidenciada na teoria piagetiana por Chamat:

As rupturas no vínculo familiar causam, geralmente, bloqueios e rupturas no vínculo com o “conhecimento”. Por isso, tem-se a afirmação piagetiana de que afetivo e cognitivo permanecem lado a lado [...] toda quebra na vinculação afetiva acarreta perdas e ou bloqueios cognitivos (CHAMAT, 2008, p. 31).

A mola propulsora do querer aprender, conhecer e fazer parte, ao nosso alcance, pode ser denominada afetividade. Infelizmente não é realidade para muitos, fato este visível em boa parte do corpo discente em milhares de escolas.



A entrada da matriarca no mercado de trabalho é fator preponderante para que a criança fique menos tempo ao lado da mesma, e vá cada vez mais cedo para as instituições educacionais. Ocorrendo assim um equívoco: a educação se dá por meio dessas instituições. Muitas famílias usam esse subterfúgio para se sentirem (des)obrigadas com as suas responsabilidades, terceirizando a sua função social: acompanhamento ensino-aprendizagem, proteção, princípios, valores, cuidados diversos e responsabilidade com amor. Fator de relevância preocupação, que levou o Ministério da Educação e Cultura (MEC), com apoio da classe artística, a vincular pela TV, campanhas que evidenciam que toda a família é responsável pela formação e acompanhamento escolar da criança, e não pela deformação sustentada por determinantes incoerentes no cotidiano. (Campanha veiculada pelo canal da Rede Globo de televisão)

Salientamos a observação feita por Paín (1985) ao discutir sobre a não aprendizagem:

Tem-se apontado a superproteção como causa de déficit na aprendizagem. Na realidade, não é a superproteção como atitude o que inibe a aprendizagem. A criança se defende contra ela e reivindica seu direito à independência. Mas quando se trata de uma superproteção sem afeto, dirigida a um objetivo cujo valor se esgota em ser possuído, pode ocorrer que a perspectiva de perder toda a proteção e ficar sem nada (especialmente se o outro progenitor é indiferente) iniba a criança na sua conquista do mundo (PAÍN, 1985, p.38).

Faz-se importante salientar que um dos vínculos relevantes na primeira infância é o emocional, que se estabelece com o sistema familiar. Este vínculo emocional estabelecido pelos pais com seus filhos serve como modelo para seus relacionamentos futuros, formação no desenvolvimento do autoconceito, autoestima e, ainda, quanto ao seu caráter.

Sendo assim, defendemos que há a necessidade da construção do vínculo satisfatório do aluno com o sujeito ensinante, com a aprendizagem, com o ambiente escolar e com os seus pares para que a aprendizagem aconteça.

1.4. A afetividade e o movimento do aprender

O papel da afetividade dentro do processo ensino-aprendizagem assume um lugar muito importante, e sua eficácia na relação professor-aluno permite que o ensinante consiga com êxito atingir seus objetivos, que nesse caso, restringem-se à construção social da criança, alicerçados em valores que serão construídos no ambiente familiar, escolar, profissional. Enfim, numa integração cognitiva afetiva (conhecimentos, valores, crenças).

Definindo afetividade segundo Wallon *apud* Dantas (1992, p. 85), “a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa, quanto do conhecimento. Ambos se iniciam num período que ele denomina impulsivo-emocional e se estende ao longo do primeiro ano de vida”.

Pode-se entender como o termo afetividade carrega uma série de valores onde a relação de carinho e cuidado com o ser humano se deixa demonstrar através de sentimentos e emoções, uns pelos outros. De acordo com Mouly (1971, p. 127), “A afeição é uma das necessidades psicológicas básicas do indivíduo”. Para este autor a afetividade é recíproca, portanto, o “amor” advindo do “afeto” entre professor e aluno envolve e cria situações favoráveis ao desenvolvimento e a aprendizagem.

A afetividade é uma ferramenta indispensável para a aproximação na relação professor-aluno, formando um sistema dinâmico de significados em que o afetivo e o intelectual se unem fortalecendo o processo de ensino-aprendizagem.

A criança que em seus primeiros anos de vida, tenha experimentado segurança emocional, e cujas necessidades sejam fundamentalmente satisfeitas no lar, pode enfrentar o mundo e seus problemas com confiança, e pode tolerar as possíveis frustrações encontradas, (MOULY, 1971, p. 133).

No processo de ensino–aprendizagem a escola torna-se, a partir de então um dos principais instrumentos responsáveis por estabelecer essa relação professor-aluno. Mas nem por isso, imaginamos ser tarefa fácil oferecer aos alunos as oportunidades de “evoluir” e crescerem como seres humanos pensantes e transformadores. Sabe-se o quanto é difícil trabalhar a questão de limites, disciplina, frustrações, educação e boas maneiras na escola. E, é justamente nesse contexto que entra em cena o papel fundamental da afetividade, que se baseia em transformar momentos vividos na escola em ocasiões prazerosas, onde cumprir regras e obedecer limites são sobrepostos de maneira sadia e dinâmica.

A longa fase emocional da infância tem sua correspondente na história da espécie, nas associações humanas mais primitivas, o contágio afetivo supre, pela criação de um vínculo poderoso para a ação comum, as insuficiências da técnica e dos instrumentos intelectuais. Enquanto não for possível a articulação sofisticada de pontos de vista bem diferenciados, a emoção garantirá, para o indivíduo como para a espécie, uma forma de solidariedade afetiva. (WALLON *apud* DANTAS, 1992, p. 89).

A criança deve se sentir bem na escola. Em muitos casos, alunos que possuem dificuldades de aprendizagem são colocados a margem do sistema educacional; ele está na sala, porém todos o ignoram. Ou então, em outros casos, chamam-se os pais ou responsáveis e

taxam a criança apontando seus problemas, mas, de modo geral, nada se faz para solucionar suas dificuldades. E nesse contexto, a criança passa a sentir desprazer em estar no ambiente de aprendizagem, portanto seus resultados serão cada dia mais negativos. Enfim, observamos que muitas vezes a questão da dificuldade do processamento do aprender algo novo tem uma ligação íntima com o movimento de se ensinar. Ou seja, o problema não é uma questão de não aprendizagem, e sim uma questão de ensinar de modo incompleto. O professor que ensina precisa pensar sobre como oferecer uma aprendizagem significativa, contrapondo-se a uma prática pedagógica mecanicista.

Wallon *apud* Dantas (1992), em sua teoria sobre o desenvolvimento humano, discorre acerca de uma abordagem sobre a relação professor-aluno considerando que o educador deve criar oportunidades de desenvolver no aluno a capacidade de criar intencionalmente condições favoráveis ao seu desenvolvimento. “A afetividade, nesta perspectiva, não é apenas uma das dimensões da pessoa, ela é também uma fase do desenvolvimento. O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo”, (WALLON *apud* DANTAS, 1992, p. 90). A afetividade transforma a pessoa em um ser preparado para lidar com várias situações, ou seja, um ser equilibrado, confiante e seguro.

1.5. A recreação na escola como fator de desenvolvimento psicossocial

É importante compreender que atividades lúdicas fazem parte do aprendizado como um método para tornar o ensino mais leve, compreendido e participativo, onde valoriza as potencialidades, mas também auxilia nas dificuldades que os alunos vierem apresentar. Dessa forma a convivência é valorizada, e o indivíduo percebe que é muito importante para o seu amadurecimento.

As atividades lúdicas além de trabalharem diretamente com a socialização, promovem a afetividade através da relação professor-aluno. Santos (2002) destaca que:

O lúdico é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento (SANTOS, 2002, p. 12).

Dessa maneira as atividades lúdicas correspondem a um elo de ligação, entre professor e aluno, que vem funcionar como estratégias na produção de conhecimento. Depende muito do comportamento do educador frente a estas atividades e deve criar ambientes que motivem os alunos à produção e desenvolvimento. O educador ao priorizar os alunos como um ser capaz, proporciona metas sem estabelecer limites, ele produz no mesmo ritmo a satisfação em fazer, mostra sua capacidade, tornando-o importante.

Através do lúdico a criança consegue lidar com seus medos, criar soluções, assim ao brincar ela se relaciona com outras crianças, essa interação reproduz a visão de um mundo diferente do que se vive. O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil destaca a importância das brincadeiras na construção do conhecimento, conforme destacado a seguir:

Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brincam. Seus conhecimentos provêm da imitação de alguém ou de algo conhecido, de uma experiência vivida na família ou em outros ambientes, do relato de um colega ou de um adulto, de cenas assistidas na televisão, no cinema ou narradas em livros etc. A fonte de seus conhecimentos é múltipla, mas estes se encontram, ainda, fragmentados. É no ato de brincar que a criança estabelece os diferentes vínculos entre as características do papel assumido, suas competências e as relações que possuem com outros papéis, tomando consciência disto e generalizando para outras situações (BRASIL, 1998 p. 27).

Percebe-se desta maneira a necessidade de encarar as atividades lúdicas como uma ferramenta diária entre o professor e aluno, destaca as experiências e diminui as diferenças. Para tanto, a abordagem dessa metodologia implica resultados não somente no convívio escolar, pois a criança ainda na Educação Infantil absorve tudo o que a rodeia, seja bom ou ruim, portanto o aprendizado satisfatório e prazeroso deixará no ser humano chances de ser um adulto crítico, compreensivo e respeitoso, em meio a este processo de construção, o social e a coletividade é o que mais se valoriza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se que as crianças com dificuldades de socialização (psicossocial) e de aprendizagem (cognitivo) possuem também a necessidade de serem incluídas na educação especial e passarem a receber a devida atenção e monitoramento, entre essas crianças algumas manifestam deficiências comportamentais, necessitando de muita atenção para se descobrir a causa, que podem ser de cunho emocional, e precisam da intervenção dos educadores abordando o caso aos pais e se necessário a um profissional mais preparado, como um

psicopedagogo ou psicólogo, se necessário. Infelizmente a realidade para essas crianças ainda é um pouco dura, pois são excluídas ou ignoradas pelos profissionais competentes, não podendo usufruir dessa educação especial, em suma, são excluídos por não apresentarem nenhuma deficiência orgânica.

Nas séries iniciais a relação entre professor - aluno e o aprendizado deve ser o mais tranquilo e harmonioso possível, momento em que é passado muito mais que conteúdos, já que muitas crianças descobrem no brincar a força para superar seus limites e compartilhar suas experiências, portanto a ludicidade torna-se essencial para o aprendizado.

REFERÊNCIAS

BOCK, A. M. B., FURTADO, O., TEXEIRA, M. L. T. *A Psicologia ou as Psicologias*. In: _____. *Psicologias: Uma introdução ao estudo da psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2002, pp.15-30

BRASIL.(1998). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. 2v., Brasília: MEC/SEF.

CHAMAT, Leila Sara José. *Técnicas de intervenção psicopedagógica: para dificuldades e problemas de aprendizagem*. 1ª. Ed. – São Paulo: Vetor, 2008.

DANTAS, Heloysa, LA TAILLE, Ives de; OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

FERNÁNDEZ, Alicia. *O saber em Jogo*. Porto Alegre. Artmed Editora: 2001.

_____. *Inteligência Aprisionada*. Porto Alegre, Artmed: 1991.

FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato; MARTURANO, Edna Maria. *Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar*. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 35- 44, 2002.

LA TAILLE, Ives de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.



MOULY, George J. *Psicologia Educacional*. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1971.

MORENO, M. C., & Cubero, R. (1995). *Relações sociais nos anos pré-escolares: família, escola, colegas*. Em C. Col, J. Palácios & A. Marchesi (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e Educação - Psicologia Evolutiva* (pp. 190-202). Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MUTSCHELE, Marly Santos. *Problemas de aprendizagem da criança: causas físicas, sensoriais, neurológicas, emocionais, sociais e ambientais*. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1994.

PAÍN, Sara. *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 1985.

PIAGET, J. *Formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PIMENTA, S. G. (org.). *Saberes Pedagógicos e Atividade Docente*. São Paulo: Cortez, 1999.

RIVIERE, J. (1986b). *Sobre a gênese do conflito psíquico nos primórdios da infância*. In M. Klein (Org.), *Os progressos da psicanálise* (4a. ed.). Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

SALTINI, Cláudio J. P. *Afetividade e inteligência*. Rio de Janeiro. DPA, 1997.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. *O lúdico na formação do educador*. 5ª edição, Vozes, Petrópolis, 2002.

TAVARES, Ângela Maria Semedo Pereira. *Desenvolvimento Psicossocial das Crianças do Pré-Escolar – Estudo de Caso Jardim Infantil SOS São Domingos*. 2010. Disponível em: ocplayer.com.br/1137019-Desenvolvimento-psicossocial-das-criancas-do-pre-escolar-estudo-de-caso-jardim-infantil-sos-sao-domingos.html

WALLON, H. *As origens do pensamento na criança*. São Paulo: Manole, 1975.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.